

Súmula do Relatório de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca

Maio 2026

Direção de Serviços de Estatística |
Divisão de Estatística | Carla Almeida
Lisboa | 29 de junho de 2026



Índice

1. Avaliação Meteorológica	3
2. Seca Meteorológica	4
3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras	9
5. Reservas de Água nas Albufeiras e Aproveitamento Hidroagrícola	13
6. Agricultura e Pecuária	14
➤ Sementeiras de cereais praganosos.....	14
➤ Prados, pastagens permanentes e forragens:	14
➤ Culturas de Primavera/Verão.....	15

1. Avaliação Meteorológica

*O mês de maio de 2026 em Portugal Continental classificou-se como **quente** em relação à temperatura do ar e **seco** em relação à precipitação.*

➤ **Temperatura**

- O valor médio da temperatura média do ar, 17.85°C;
- O valor médio da temperatura máxima do ar, 24.15°C
- O valor mínimo da temperatura mínima do ar, 11.54°C;
- No mês de maio identificaram-se dois períodos distintos:
 - ✓ um período frio (1 a 19 de maio) com valores diários da temperatura média do ar consecutivamente abaixo do valor médio mensal;
 - ✓ um período extremamente quente (20 a 31) com valores de temperatura média muito acima do normal.
 - ✓ No dia 20 de maio iniciou-se uma onda de calor que abrangeu a região do Alentejo e vale do Tejo, estendendo-se a partir do dia 24 às regiões do interior Norte e Centro.

➤ **Precipitação**

- O total de precipitação mensal em abril foi de 46.4 mm;
- Durante este mês, verificou-se a ocorrência de precipitação, entre os dias 2 e 4 nas regiões do Norte e Centro, e entre 8 e 12 em todo o território devido à passagem de sistemas frontais e linhas de instabilidade associadas que causaram precipitação por vezes forte, em regime de aguaceiros e acompanhados de trovoadas.
- Em termos espaciais, os valores da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico 2025/2026 são superiores ao normal em todo o território, com totais acumulados de 1.5 a 2 vezes o valor médio, em muito concelhos do interior Norte, grande parte do Centro, Litoral Sul e Barlavento Algarvio.

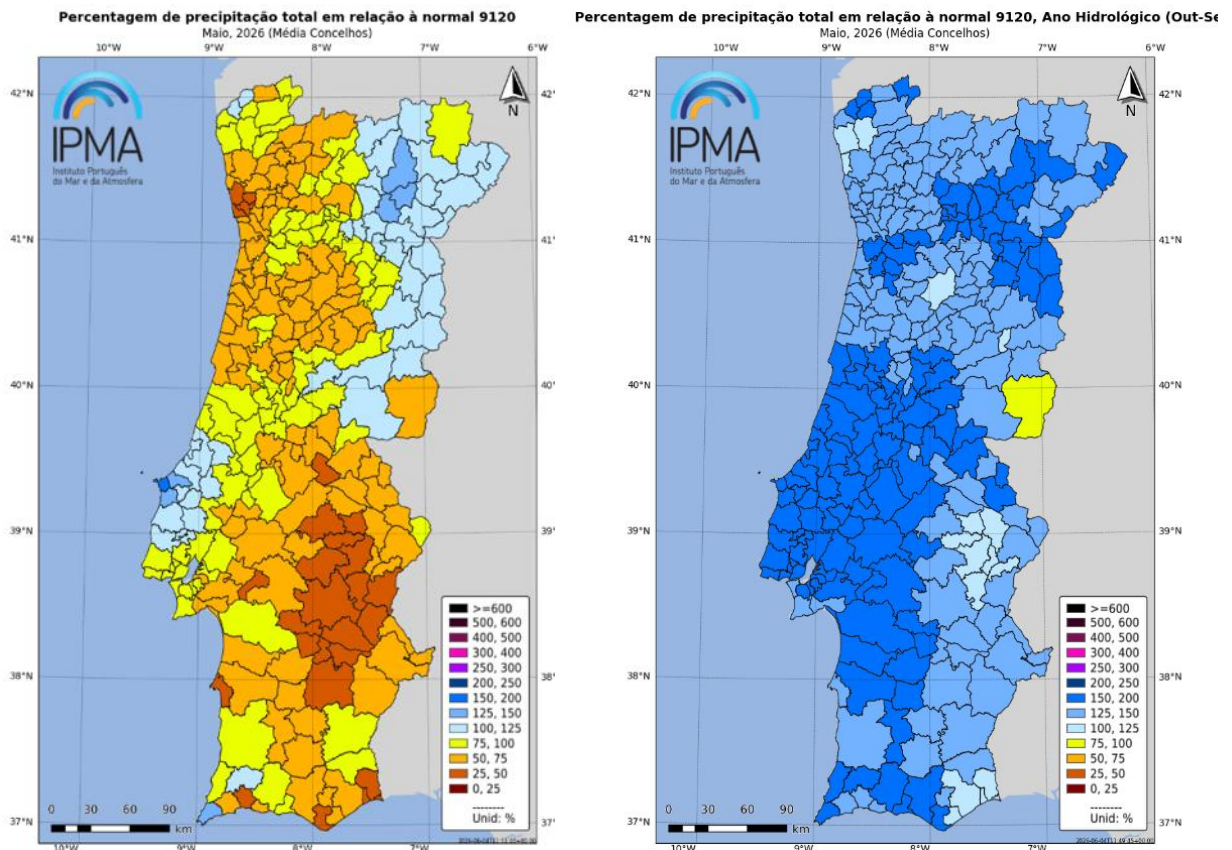


Figura 1 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (médio concelho) em maio (esq.) e no ano hidrológico 2025/2026 (dir.) em relação à normal climatológica 1991-2020

2. Seca Meteorológica

- No final de maio mantém-se a ausência de seca meteorológica em Portugal Continental, no entanto, verificou-se uma diminuição das condições húmidas, traduzida pela redução das áreas nas categorias de chuva moderada e fraca e pela expansão da classe normal que abrange o litoral Norte e grande parte dos concelhos a sul de Coimbra. O predomínio das classes normal a chuva moderada é um reflexo da persistência dos excedentes de precipitação acumulados durante os meses anteriores de inverno.
- Em termos de distribuição percentual por classes do índice PDSI no território continental, no final de maio verificava-se:
 - **3.3% na classe chuva moderada**
 - **42.1% na classe chuva fraca**
 - **54.7% na classe Normal**

Tabela 1 – Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e maio de 2026(Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Out 2025 (%)	30 Nov 2025 (%)	31 Dez 2025 (%)	31 Jan 2026 (%)	28 Fev 2026 (%)	31 Mar 2026 (%)	30 Abr 2026 (%)	31 Mai 2026 (%)
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	8.3	75.1	0.0	0.0	0.0
Chuva severa	0.0	0.0	4.4	61.7	24.5	47.6	0.0	0.0
Chuva moderada	0.0	12.0	23.5	29.0	0.4	50.8	6.5	3.3
Chuva fraca	1.2	37.7	45.7	1.0	0.0	1.6	89.0	42.1
Normal	32.4	29.7	26.4	0.0	0.0	0.0	4.5	54.7
Seca Fraca	31.8	20.6	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Moderada	27.9	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Severa	6.7	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

A Figura 2 apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 30 de abril e a 31 de maio de 2026.

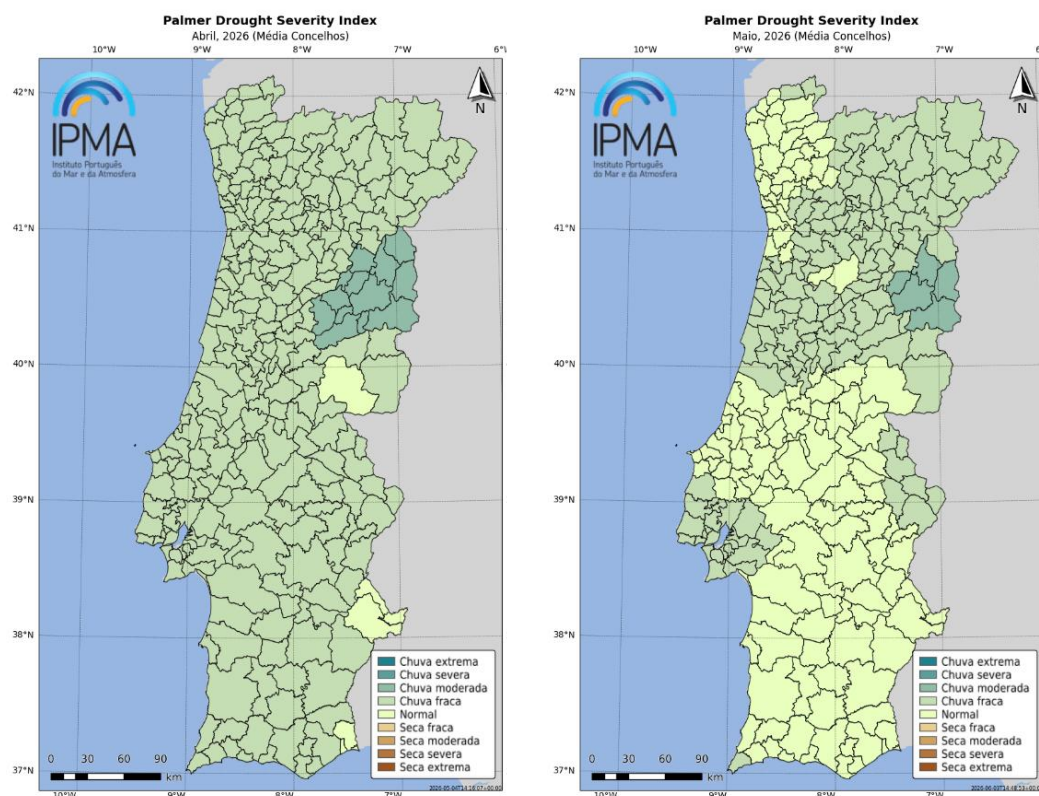


Figura 2 – Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (médio concelho) a 30 de abril e a 31 de maio de 2026 (Fonte: IPMA)

▪ Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica

De acordo com a experiência adquirida nas secas anteriores definiram-se no PLANO DE PREVENÇÃO, MONITORIZAÇÃO E CONTINGÊNCIA PARA SITUAÇÕES DE SECA Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica.

Os dois mais graves são:

Nível A.2 – “Alerta”: Seca Severa

Maior atenção reservada para o setor agrícola de sequeiro e pecuária extensiva onde se deve acompanhar os seus efeitos mais frequentemente, quinzenalmente, através da avaliação do Estado das culturas.

- Índice PDSI: classe de seca severa (-3.00 a -3.99) em 2 meses consecutivos no período de outubro a março.
- Índice SPI 6 meses em seca moderada a severa

Neste nível prevê-se o desencadeamento de medidas restritivas de alguns usos da água e de reforço dos controlos.

Nível A.3 – “Emergência”: Seca Extrema

- Índice PDSI na classe de seca extrema (-4.00 a -4.99)
- Índice SPI 6 meses em seca severa a extrema

Neste nível prevê-se a imposição de medidas restritivas de alguns usos da água. Em caso de evolução negativa poderão ser impostas medidas de carácter excepcional.

- De acordo com o **índice PDSI**¹, no final de maio mantém-se a ausência de seca meteorológica em Portugal Continental, no entanto, verificou-se uma diminuição das condições húmidas, traduzida pela redução das áreas nas categorias de chuva moderada e fraca e pela expansão da classe normal que abrange o litoral Norte e grande parte dos concelhos a sul de Coimbra. O predomínio das classes normal a chuva moderada é um reflexo da persistência dos excedentes de precipitação acumulados durante os meses anteriores de inverno.

¹ **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).

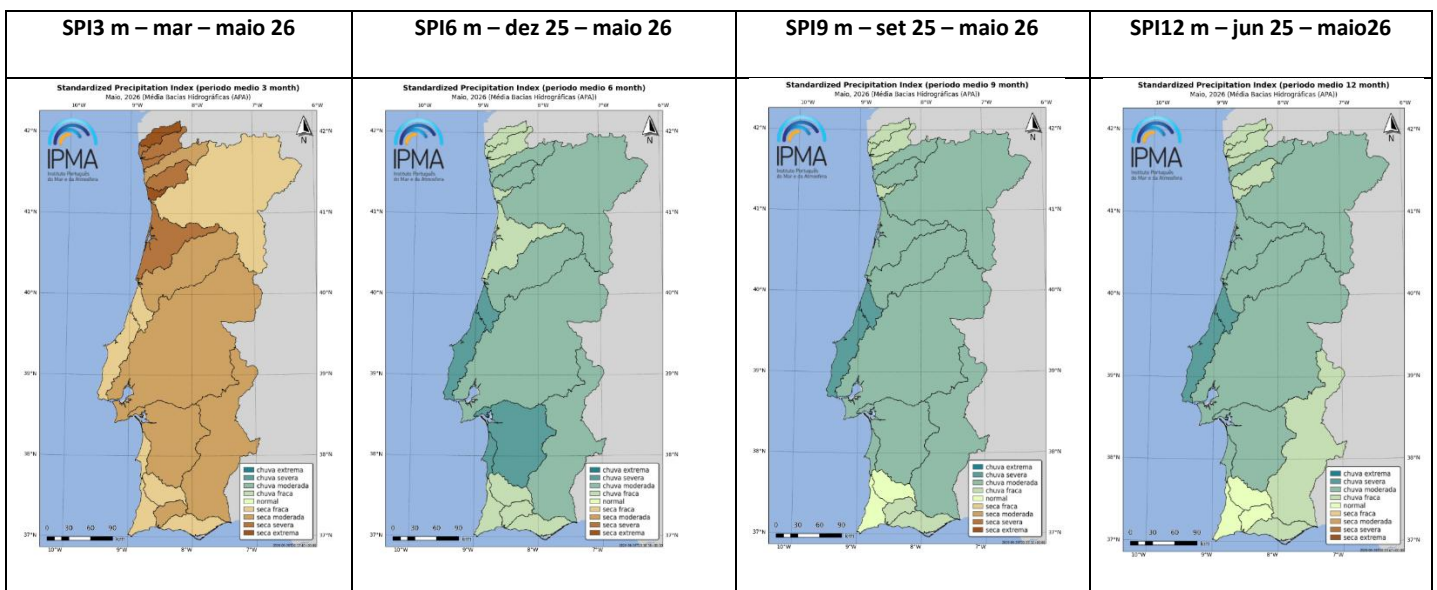
➤ Índice de seca SPI

O índice SPI (*Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação*) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais², que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água.

Na Figura 3 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de maio para as principais bacias hidrologicas do território (valor médio por bacia).

Devido a uma primavera muito seca, com valores de precipitação nos 3 meses (março, abril e maio) inferiores ao normal, o SPI 3 meses já apresenta as categorias de seca em todas as bacias, destacando-se as bacias do Mondego, Tejo, Sado e Guadiana na classe de seca moderada e as bacias de Vouga, Ave e Lima na classe de seca severa. Nas restantes escalas, 6, 9 e 12 meses não existe nenhuma bacia em seca.

Figura 3 – Distribuição espacial do índice de seca SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de maio 2026 (Fonte: IPMA)



² As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

➤ **Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)³**

Segundo a previsão a médio e longo prazo⁴, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 22/06 a 28/06** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal no litoral Norte, interior Norte, litoral Centro e Lisboa e Vale do Tejo (-10 a -1 mm).
- **Semana 29/06 a 05/07** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal no Norte, Centro e Lisboa e Vale do Tejo (-10 a -1 mm).

Tendo em conta a previsão para as próximas semanas, com valores de precipitação inferiores, **é expectável que no final de junho haja uma diminuição das classes de chuva, um aumento da classe normal e o surgimento das classes de seca fraca nalgumas regiões.**

³ <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

⁴ De referir que as previsões meteorológicas de médio e longo prazo assumem um carácter probabilístico, não podendo, por isso, ser admitidas com elevado grau de rigor determinístico e devendo ser continuamente revistas.

3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 31 de maio de 2026, comparativamente ao último dia do mês anterior, registou-se uma descida em onze bacias hidrográficas, uma subida em quatro bacias,

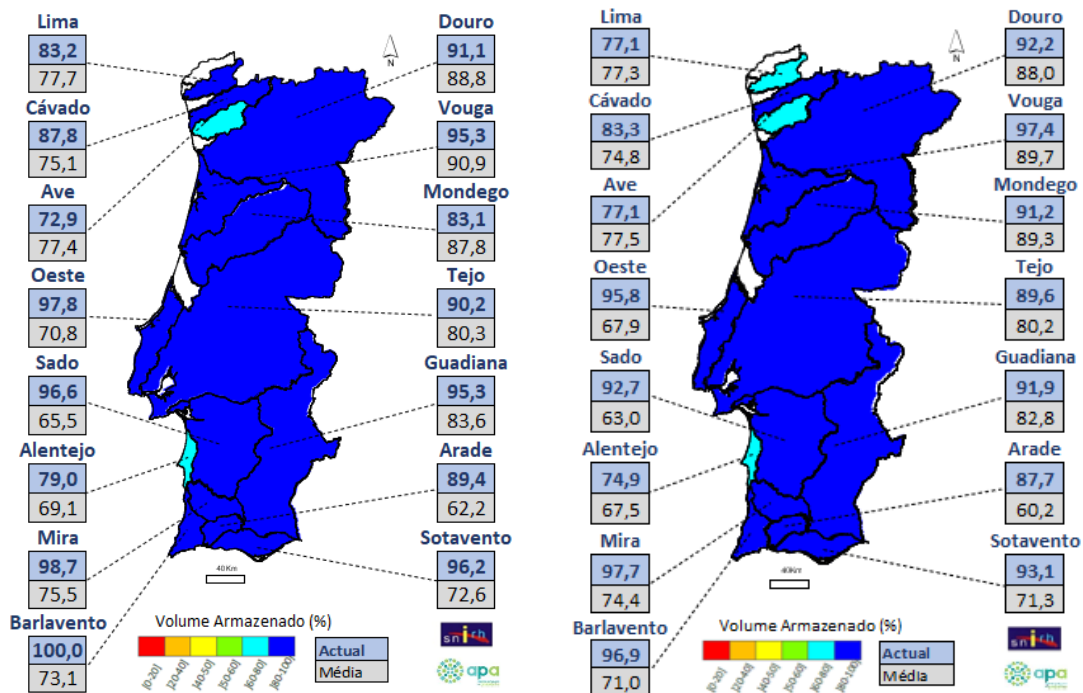


Figura 4 - Situação das albufeiras em abril (esquerda) e em maio de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Os armazenamentos em 31 de maio de 2026 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de maio (1990/91 a 2023/24), com exceção das bacias hidrográficas do Lima e Ave.

Na figura 5 é possível observar que as bacias hidrográficas do Lima, Cávado, Ave, Douro, Mondego, Tejo e Guadiana estão abaixo dos valores observados em maio de 2025, enquanto as restantes bacias se encontram acima.

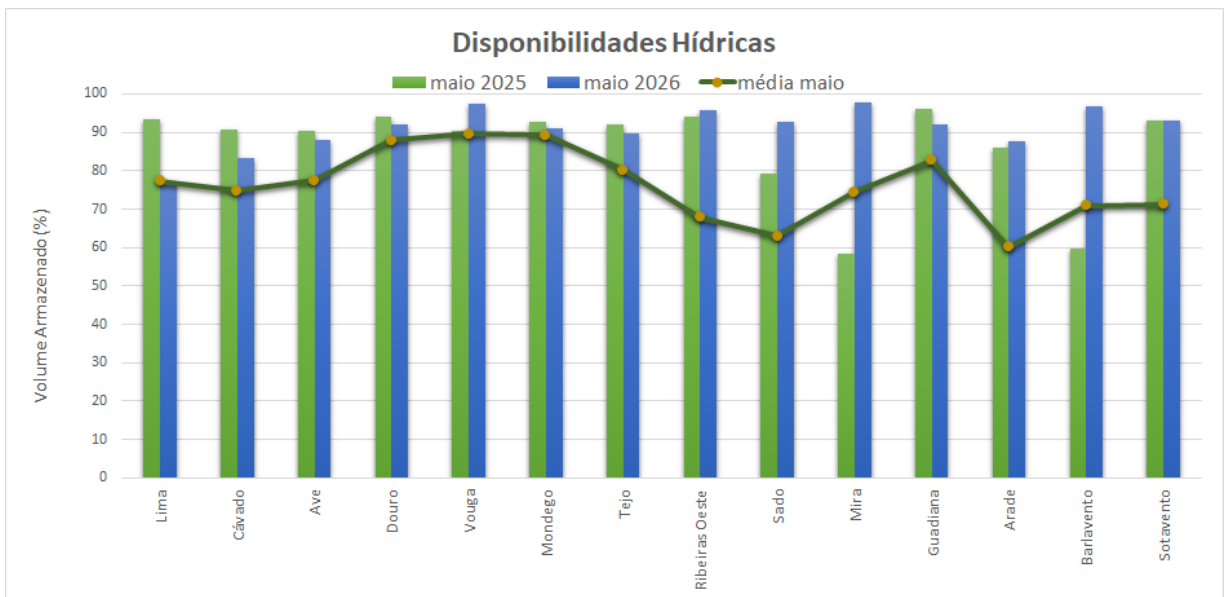


Figura 5- Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de maio de 2026 e de 2025 (Fonte: APA)

Das 78 albufeiras monitorizadas em 31 de maio de 2026, 67 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e não há nenhuma albufeira que apresente disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total.

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de abril e maio do ano hidrológico 2025-2026, figura 6.

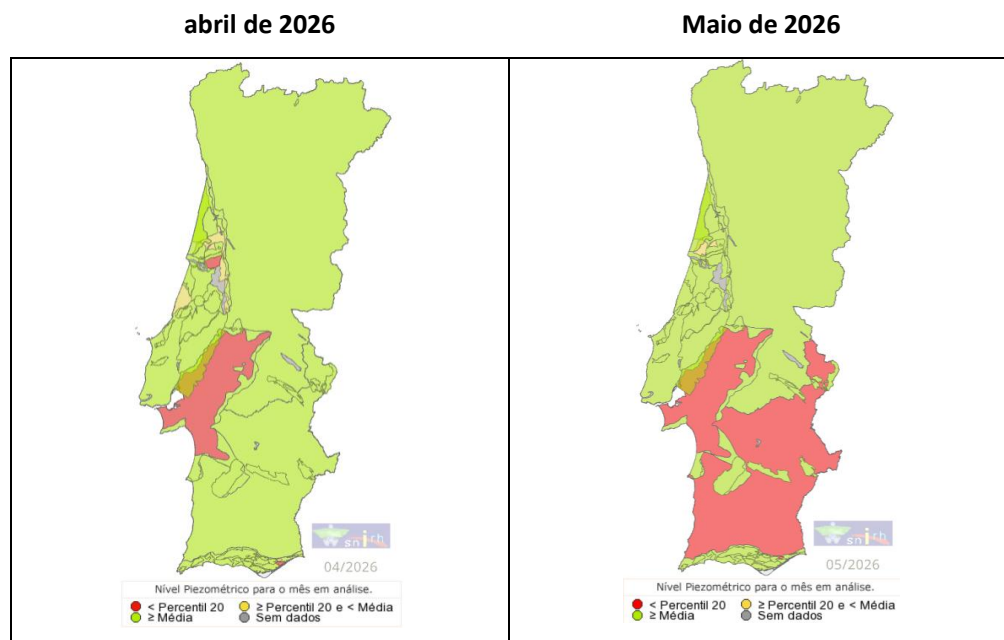


Figura 6- Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre abril 2026 (esquerda) e maio de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a situação se alterou, com o Maciço Antigo Indiferenciado do Sul a apresentar descida dos níveis de água, para níveis inferiores ao percentil 20. As restantes massas de água subterrânea, de um modo geral, apresentam os níveis de água acima da média.

➤ **Massas de água em situação crítica**

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que existe um grupo de massas de água que devem permanecer em situação crítica, atendendo aos critérios explanados anteriormente e, que registam níveis muito baixos, desde o início do ano hidrológico 2018-2019, não obstante poderem apresentar já alguma recuperação. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistiram, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, **níveis inferiores ao percentil 20**, pelo que urge continuar a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca. Neste contexto, as massas de água em **situação crítica** são as seguintes:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Pisões – Atrozela
Ribeiras do Algarve	Malhão

Face ao mês anterior, abril de 2025, há alteração na lista das massas de água em situação crítica, em que Moura-Ficalho, Campina de Faro – Subsistema Faro, Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo e Querença - Silves saíram, passando para vigilância.

Apreciação Geral

Atendendo aos eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico e no ano corrente, verifica-se que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, registam alguns indícios de recuperação, persistindo, ainda, alguns níveis baixos. Face à situação excecional que ocorreu durante o mês de janeiro e de fevereiro, extremamente chuvosos, é necessário ter cautela, pois as massas de água subterrâneas demoram tempo a responder à precipitação e à conseqüente recarga.

De referir que **as situações que merecem maior foco de atenção se mantêm nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho, Campina de Faro – Subsistema Faro, Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo e Querença - Silves**, que apesar de só a primeira se encontrar em situação crítica, as outras permaneceram nesta situação tantos anos, que se deve continuar a acompanhar a evolução dos níveis, nos próximos meses, uma vez que estamos a entrar no período de estiagem e de rega, sendo de prever que os níveis possam começar a baixar.

A APA, I.P., enquanto Autoridade Nacional da Água, deve promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis, conforme os termos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 1.º, nos artigos 7.º e 8.º e na alínea b) do n.º 1 do artigo 63.º da Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro (Lei da Água), na sua redação atual.

Nesse sentido, julga-se de manter as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica, até que se verifique uma recuperação efetiva dos níveis de água subterrânea.

5. Reservas de Água nas Albufeiras e Aproveitamento Hidroagrícola

➤ Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas

Neste mês verificou-se uma tendência de descida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 4 a subir, 45 a descer e 15 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre -4,8% (Marechal Carmona) e 9,1% (Aguieira). A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -23,6% (Pessegueiro) e 0,5% (Funcho).

A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, nenhuma das albufeiras hidroagrícolas tinha armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental (figura 7), designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

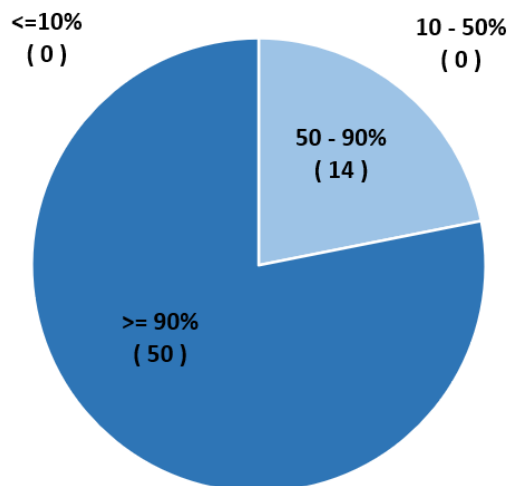


Figura 7- Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório (Fonte: DGADR)

Neste mês, não existem albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) nem com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Agueira.

Para mais detalhe ver o boletim de Reservas Hídricas e Regadio:

<https://sir.dqadr.gov.pt/outras/reserva-de-aqua-nas-albufeiras>

6. Agricultura e Pecuária

➤ **Sementeiras de cereais praganosos**

Em maio, os cereais praganosos de outono/inverno encontravam-se maioritariamente nas fases de enchimento do grão e maturação, apresentando, em geral, um desenvolvimento vegetativo satisfatório. Contudo, a falta de precipitação no Algarve condicionou o enchimento do grão e reduziu o potencial produtivo. Apesar da recuperação parcial das sementeiras tardias, a elevada presença de infestantes e a menor dimensão das espigas e dos grãos deverão resultar em produtividades inferiores ao normal e às registadas na campanha anterior.

➤ **Prados, pastagens permanentes e forragens:**

Os prados, pastagens e culturas forrageiras entraram a maio com uma base de biomassa superior à observada em vários anos recentes, em resultado da precipitação acumulada no inverno e início da primavera.

Em maio, a disponibilidade de alimento para os efetivos pecuários permaneceu estável a norte do Tejo, particularmente nas zonas com melhores condições hídricas e em regadio. Enquanto nas áreas de sequeiro se registou uma maturação e secagem mais rápidas da vegetação, havendo necessidade de suplementação para a criação do efetivo de engorda.

A sul do Tejo, observou-se igualmente uma aceleração dos processos de maturação, espigamento e secagem do coberto herbáceo, mais acentuada no Alentejo e no Algarve, conduzindo a uma redução da biomassa disponível para a alimentação dos efetivos pecuários.

Foram realizados cortes das culturas forrageiras, nomeadamente de azevém e de consociações forrageiras para produção de feno, fenossilagem e silagem, embora em muitas situações apenas tenha sido possível efetuar um corte. Mantem-se o descrito no relatório de abril “As produtividades

observadas indiciam decréscimos significativos na produção de biomassa relativamente à campanha de 2025, situando-se abaixo dos valores médios de um ano considerado normal”.

➤ **Culturas de Primavera/Verão**

Em maio, as culturas de primavera/verão apresentavam, de um modo geral, uma evolução favorável.

A **batata** evidenciou boa germinação e desenvolvimento vegetativo, embora com redução da área cultivada e maior risco de doenças fúngicas na região Centro.

O **milho** registou alguns atrasos nas sementeiras devido à precipitação, mas terminou o mês com um bom desenvolvimento vegetativo e previsões de área semelhante à do ano anterior, apesar de reduções significativas em algumas regiões.

O **arroz** recuperou dos atrasos iniciais nas sementeiras, apresentando boa germinação e desenvolvimento, embora a elevada pressão de infestantes nas principais regiões produtoras exija acompanhamento técnico para limitar os impactos na produtividade.

➤ **Culturas arbóreas e arbustivas**

• **Pomóideas**

Nas pomóideas, as temperaturas elevadas permitiram uma antecipação do ciclo cultural, tal como referido no último relatório. Nos pomares de **pera Rocha** a floração ocorreu cerca de duas semanas mais cedo do que no ano anterior, apresentando-se abundante e muito homogénea como já não se via há vários anos, perspetivando-se que a grande disponibilidade de água no solo poderá ter sido um dos fatores indutores dessa ocorrência, tal como o maior número de horas de frio invernal. No restante território, as pereiras apresentavam bom vingamento dos frutos, observando-se elevada carga produtiva na maioria dos pomares.

Nos pomares de **macieiras** do Oeste, o prolongado período de encharcamento dos solos originou uma floração escalonada e irregular, enquanto no restante território, o estado vegetativo apresentava-se globalmente satisfatório.

• **Prunoideas**

Em maio, as **prunoideas** apresentaram, de um modo geral, boas perspetivas de produção em Portugal Continental. A **cereja** iniciou a campanha com elevadas expectativas de produtividade e qualidade, mas a precipitação intensa durante a maturação provocou perdas significativas, sobretudo em Trás-os-Montes e na Cova da Beira, devido ao fendilhamento dos frutos. O **pêssego** apresentou, em geral, boa

produtividade, com aumentos face ao ano anterior em várias regiões e produção próxima da normalidade, apesar de danos pontuais causados pelo granizo em Trás-os-Montes. A **ameixa** manteve perspectivas de produção favoráveis, particularmente na região de Lisboa e Vale do Tejo, registando, no restante território, produtividades globalmente dentro da normalidade.

- **Pomares de Citrinos**

No Algarve, principal região produtora de citrinos do país, prosseguiu a transição da colheita das laranjas de meia estação, pertencentes ao grupo Navel, para as variedades de fim de campanha do grupo comum, nomeadamente Valencia Late e D. João. A qualidade da laranja Valencia Late revelou melhorias face à campanha anterior no que respeita aos danos provocados pelas novas espécies de tripes, refletindo uma maior eficácia no controlo destas pragas. Em contrapartida, observou-se algum reverdecimento dos frutos, associado à precipitação abundante e persistente registada durante o outono e o inverno, que contribuiu para a manutenção da humidade do solo, favorecendo a atividade radicular e a acumulação de reservas pelas árvores.

- **Actínídeas (Kiwi)**

Os pomares de kiwis apresentavam-se com florações abundantes e um estado vegetativo satisfatório. As perspectivas de produção são boas, embora persistam riscos associados à evolução da PSA (*Pseudomonas syringae*), sobretudo na variedade “Dori”, de fruto amarelo.

- **Vinhas**

A vinha apresentava, de um modo geral, um desenvolvimento vegetativo favorável e um bom estado sanitário na maioria das regiões vitivinícolas do país.

Neste mês, foi possível observar a realização de tratamentos fitossanitários, com o objetivo de manter a cultura em bom estado vegetativo.

Globalmente, estima-se maior produtividade comparativamente ao ano anterior.

- **Olival**

Em termo gerais, em maio, os olivais apresentavam um desenvolvimento globalmente favorável, embora com diferenças fenológicas associadas às condições edafoclimáticas e à localização geográfica. Nas regiões mais a norte e em zonas de maior altitude, observavam-se estados de desenvolvimento mais precoces, desde o inchamento dos botões florais até à floração, enquanto nas regiões mais quentes e a sul a floração já se encontrava concluída, verificando-se o vingamento e os primeiros estádios de crescimento dos frutos.

Assim, registou-se uma floração abundante, frequentemente superior à observada na campanha anterior, bem como condições climatéricas favoráveis ao vingamento dos frutos. Em várias regiões já se observavam frutos em crescimento, com bom potencial produtivo.

As perspetivas para a campanha olivícola são globalmente positivas, prevendo-se uma produção igual ou superior à da campanha anterior na maioria das regiões, sustentada pela boa floração, pelo adequado vingamento dos frutos e pelo bom estado vegetativo dos olivais.

➤ **Abeberamento do gado:**

No mês de maio, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.